

Monsenhor Hugh O'Flaherty,
um padre autêntico,
arriscava a vida
escondendo dos nazistas
os prisioneiros aliados,
na campanha da Itália

S. I. DERRY E
DAVID MACDONALD



O Pimpinela do Vaticano

MUITO tempo após a Segunda Guerra Mundial, minha esposa e eu atravessamos a grande praça da cidade do Vaticano em Roma até o alto da escadaria da Basílica de São Pedro. «Ele costumava esperar por nós exatamente aqui», disse eu. Durante a ocupação alemã de 1943-1944, frequentemente eu via Monsenhor Hugh O'Flaherty postado lá, imenso como a vida. Com seu rosto tipicamente irlandês, os óculos reluzentes no nariz enorme enfiado no breviário, ele esquadrihava a praça procurando rostos conhecidos (algum agente nosso), enquanto murmurava algo em latim carregado do sotaque*de Kerry. Para os

soldados da Wehrmacht que passavam na praça, aquele padre alto – 1,88 m –, com sua sotaina preta, era apenas mais um sacerdote rezando. Nada indicava que ele fosse o famoso «Pimpinela do Vaticano», metido até seu colarinho clerical em intrigas de guerra.

Como teólogo da Santa Sé, Monsenhor O'Flaherty se ocupava oficialmente dos dogmas católicos. Extra-oficialmente, no entanto, ele também dirigia a Organização Secreta Britânica em Roma, que salvou quase quatro mil prisioneiros de guerra aliados, fugitivos dos alemães. Esse sucesso impressionante deve-se sobretudo à personalidade do monsenhor. Além de possuir uma coragem espantosa, uma imagi-

nação brilhante e as artimanhas diabólicas de um «duende gigante», era a pessoa de maior compaixão que jamais conheci.

Foi, de fato, o que o trouxe para a guerra. Tendo vivido durante as lutas sangrentas da Irlanda contra o domínio britânico, O'Flaherty não via de início quase nenhuma diferença entre a Inglaterra e o Terceiro Reich: ao diabo com ambos. «Mas quando os nazistas passaram a perseguir os judeus diante dos meus próprios olhos», contou-me ele certa vez, «eu soube qual era o meu dever.»

Nós nos conhecemos quando eu tinha 29 anos. Como major do Exército Britânico, fora capturado pelo Afrika Korps de Rommel e aprisionado durante quinze meses na Itália, até que consegui saltar de um trem de prisioneiros de guerra para as mãos de um fazendeiro da Resistência, a apenas 24 quilômetros de Roma. Como ainda havia inúmeros representantes dos aliados em território neutro do Vaticano, consegui a ajuda do cura da aldeia para levar uma mensagem a «qualquer pessoa inglesa», pedindo assistência financeira e roupas para mim e um grupo de fugitivos. Chegaram três mil liras e, depois de um segundo pedido, mais dinheiro e uma convocação de Roma, de alguém que o padre chamou de «meu superior».

Disfarçado de trabalhador, consegui esgueirar-me para dentro de Roma, escondido debaixo dos repolhos de uma carroça, e ser levado para um apartamento. Depois de vestir roupas mais apresentáveis, fui conduzido ao Vaticano por um car-

teiro chamado Aldo. Enquanto nos aproximávamos da Basílica, um homem corpulento, vestido de preto, nos observava das escadarias à esquerda. Murmurando «sigam-me», mergulhou entre as colunas de Bernini, subindo uma aléia que dava para um prédio onde se via a placa *Collegio Teutonico* — o Colégio Alemão situado fora dos 44 hectares do Vaticano, porém ainda em terreno neutro. Guiando-me para dentro de um pequeno quarto, o homem de feições rudes, que aparentava uns 45 anos, disse-me com um piscar de olhos: «Esteja à vontade! Meu nome é O'Flaherty e esta é minha casa.»

Mas o que fazia eu lá? O padre sorriu ambigualmente e acrescentou: «Você o saberá logo, mas, enquanto isso, que tal um belo banho quente?» Depois de aceitar satisfeito a sugestão, ao entardecer, vestidos os dois com batinas de padre, passamos disfarçadamente pelas sentinelas suíças e alemãs, em direção ao Ospizio di Santa Marta, próximo ao Vaticano e asilo dos refugiados britânicos e outras legações aliadas. Nosso ministro, Sir D'Arcy Osborne, contou-me a história de Hugh O'Flaherty.

Ainda como jovem seminarista irlandês, tinha sido enviado a Roma em 1922, ano do início da ditadura de Mussolini. Em 1934, como monsenhor do Vaticano, era profundamente dedicado ao golfe e a várias atividades humanistas. Nos primeiros anos da guerra, por exemplo, ele percorria campos italianos de prisioneiros de guerra, procurando recém-chegados tidos como «desaparecidos no campo

de batalha» e informando as respectivas famílias através da rádio do Vaticano.

Após o desembarque aliado no sul e a capitulação da Itália em setembro de 1943, milhares de prisioneiros de guerra, sobretudo britânicos, foram libertados. Centenas deles conseguiram chegar até Roma, ao mesmo tempo que as tropas alemãs a ocupavam. Lembrando-se de O'Flaherty, procuravam sua ajuda e seus conselhos. Ele conseguiu esconder centenas deles com seus amigos romanos e com membros da Resistência no interior, enquanto surripiava dinheiro para ajudá-los. Mas agora, dizia-me Sir D'Arcy, era necessária a presença de um oficial graduado para auxiliá-lo nesse trabalho.

«É com esse objetivo que mandei chamá-lo. Você está pronto para assumir o comando das operações?»

Fascinado por O'Flaherty, concordei de imediato. Ele decidiu que compartilharíamos seu quarto no *Collegio*. Na mente do monsenhor (habilidosa e objetiva e, no entanto, sempre imprevisível), um conspirador inglês estaria mais a salvo num lugar ocupado pelo clero alemão. Passei, então, a dormir no seu sofá. Arrumei roupas civis e ele conseguiu-me documentos de identificação, transformando-me de Sam em «Patrick» Derry, e de anglicano em católico de Dublin empregado pela Santa Madre Igreja.

Mas o mergulho de O'Flaherty num trabalho perigoso e clandestino era muito mais radical do que o meu. Percorrendo Roma com ele, assom-

brei-me com sua organização, que conseguira, até então, esconder mais de mil ex-prisioneiros em conventos, residências lotadas e fazendas da periferia. Dentre esses lugares, o seu favorito era uma casa bem atrás do quartel-general das ss — a tropa de choque nazista. «Tenha fé», dizia, rindo, «eles não vão olhar debaixo de seus narizes.»

Com a bênção tácita do papa Pio XII, nosso monsenhor assegurava a cooperação de uma estranha mistura de monges, freiras, comunistas, nobres, um conde suíço, dois agentes secretos da França livre e um mordomo londrino da legação britânica no Vaticano, John May.

Uma exceção significativa era o coronel das ss, Herbert Kappler. Comandante das tropas ss em Roma, ele já tinha ouvido rumores de um esquema de fuga montado por um padre misterioso e, sem que o soubéssemos, tinha homens da Gestapo arquitetando uma forma de apanhá-lo.

E' quase o conseguiu. Certa vez, quando o monsenhor visitava o príncipe Filippo Doria Pamphili, uma importante personagem antifascista que financiava nossa organização, o coronel Kappler invadiu o Palazzo Doria. Quando as coronhas dos fuzis nazistas soaram contra a porta da frente, O'Flaherty correu para o porão, onde, naquele exato momento, alguns sacos de carvão estavam sendo descarregados através de um alçapão. Despiu-se rapidamente, escondendo sua sotaina e o chapéu clerical num dos sacos, conservando apenas as calças e a camiseta. Sujo de fuligem,

esgueirou-se por trás do caminhão de entrega e passou rapidamente pelas sentinelas, desaparecendo antes que se percebesse que o «carvoeiro» levava *embora* um saco cheio.

Como comandante de operações dessa raposa astuciosa, ordenei a todos os nossos refugiados que permanecessem escondidos, temeroso de que pudessem comprometer nossos colaboradores italianos que arriscavam a vida ocultando-os — um dos nossos asilados tinha sido apanhado cantando em inglês num bar de Roma. Entretanto, as maiores ameaças ao nosso esquema de segurança surgiam do próprio monsenhor. Ele adorava namorar o perigo. Por exemplo, depois de termos conseguido esconder um general britânico numa câmara secreta durante muito tempo, O'Flaherty levou nosso pensionista de honra, vestido num terno elegante, a uma recepção papal, onde o apresentou ao embaixador alemão como um médico irlandês! Fiquei furioso. «Convenhamos», comentou ele com uma piscadela, «foi uma ótima distração para o pobre homem.»

Cada vez que surgiam novos prisioneiros de guerra, era o próprio monsenhor que os levava para o seu esconderijo ou «celas» secretas, normalmente disfarçados com roupas clericais. Ele não admitia que ninguém mais corresse esse risco. No entanto, quando a nossa organização arregimentou dois amigos meus da Artilharia Real que falavam italiano, John Furman e Bill Simpson, eles logo o substituíram na tarefa, e, sempre que possível, passaram a protegê-lo.

Mesmo assim, o monsenhor persistia em sua arriscada vida dupla. Após um dia extenuante na Congregação Sagrada do Santo Ofício, mergulhado em sutis temas religiosos, ele passava metade da noite esquivando-se de patrulhas militares e «colocando seus meninos na cama». Embora fosse um abstêmio convicto, O'Flaherty adorava oferecer longas e bem regadas reuniões para seus colaboradores, um deles um outro padre irlandês cuja interpretação sentida de «Mãe Santíssima» emocionava o monsenhor até as lágrimas. Com meus compatriotas Furman e Simpson ele estava sempre a repisar no assunto dos excelentes jovens irlandeses perdidos nos «tumultos» de 1919-21, como se nós fôssemos os culpados de tudo. Furman disse-lhe certa vez: «Você finge detestar os ingleses, mas creio-o incapaz de odiar quem quer que seja. Acho que quando tomarmos Roma, você provavelmente começará a abrigar os alemães!» Curiosamente, ele não replicou.

Naquela época, inícios de 1944, ambas as perspectivas pareciam longínquas. Os exércitos aliados encontravam-se ainda a 160 quilômetros de distância, bloqueados abaixo de Monte Cassinó. E o próprio monsenhor foi logo compelido a se proteger mais cuidadosamente.

Em primeiro lugar, um refugiado de um dos nossos redutos rurais foi recapturado. Ameaçado de tortura, delatou doze prisioneiros fugidos e seus protetores. A reação de O'Flaherty foi típica: respondeu com um gentil «Deus o perdoe».

Eu não podia. Uma outra traição levou as SS a mais 16 fugitivos de dois esconderijos em Roma, onde o monsenhor e eu éramos muito conhecidos. Alguns foram mesmo fuzilados. O embaixador alemão informou-nos então que o monsenhor havia sido denunciado ao coronel Kappler como sendo o chefe de nosso esquema de fuga. «Se você pisar fora do Vaticano, será feito prisioneiro», advertiu-o. «Lembre-se disso.» «Claro, eu o farei», respondeu O'Flaherty, «... algumas vezes.»

Sob pressão das autoridades nazistas, seus superiores eclesiásticos deram-lhe ordens para parar de agir e para se livrar do «hóspede» em seu quarto. Mudei-me, portanto, para a sede da legação britânica, continuando, no entanto, como antes, nossas atividades clandestinas. Resoluto, monsenhor encontrou-se com nossos agentes nas escadarias da Basílica de São Pedro e conferenciou com eles na Porta Santa Marta, nas proximidades.

Mesmo virtualmente preso no Vaticano, ele executava por controle remoto tarefas miraculosas. Prova disso foi quando um refugiado escocês adoeceu com uma crise de apendicite aguda. Eu quis entregá-lo nas mãos de uma clínica médica, sacrificando-lhe a liberdade para salvar-lhe a vida. Mas não; o monsenhor estava «traçando seu plano» — arrojado, como sempre. À noite, usando um automóvel do Corpo Diplomático italiano, que O'Flaherty havia «emprestado» sem dizer ao dono, um outro padre levou-o a um hospital

em mãos dos alemães. O escocês foi internado, operado por um médico colaborador italiano, dispensado e levado embora em segurança.

Certo dia, um dos nossos colaboradores ocasionais, chamado Grossi, trouxe-nos uma mensagem de um fugitivo ferido numa vila a 48 quilômetros de Roma. Sem dizer-me nada, o monsenhor prometeu ir vê-lo no domingo seguinte. Um aviso de última hora, trazido por um outro agente, salvou-lhe a vida: Grossi se vendera ao coronel Kappler, que preparara uma armadilha diabólica para O'Flaherty, sabendo de seus conhecidos atributos de bom samaritano, assim que ele voltasse a expor-se.

No dia 18 de maio, os aliados conseguiram finalmente furar o bloqueio em Monte Cassino e avançar avassaladoramente em direção a Roma. Por volta do 4 de junho, as hordas cinzentas haviam partido, retirando-se para o norte à medida que as tropas aliadas chegavam à Cidade Eterna para uma eufórica recepção. Enquanto cerca de 250 mil pessoas se amontoavam na praça de São Pedro para uma bênção papal, eu saí à procura de monsenhor O'Flaherty. Encontrei-o no Colégio Alemão, agradecendo a Deus.

Em nove meses, naquilo que lhe coube, a organização provisória do monsenhor tinha tomado conta de 3.925 fugitivos, sendo 1.695 britânicos, 185 norte-americanos, 896 sul-africanos, 30 indianos, 40 neozelandeses, 17 australianos e outros mais (no total, 122 foram recapturados pelos alemães e seis fuzilados).

Entretanto, O'Flaherty *não poderia* parar nisso. Da noite para o dia, como fora previsto, sua compaixão ilimitada estendeu-se também ao inimigo. Quando o general americano Mark Clark veio visitá-lo, o monsenhor argüiu-o detalhadamente, certificando-se de que os prisioneiros alemães seriam bem tratados. Utilizando-se de um avião emprestado pelo comandante-chefe dos aliados, general sir Harold Alexander, viajou para a África do Sul, inspecionando os prisioneiros de guerra italianos que lá se encontravam, e depois seguiu para Jerusalém, onde visitou os refugiados judeus.

Enquanto eu permanecia em Roma, distribuindo a recompensa de cerca de 30 milhões de cruzeiros para todos os que haviam participado na rede montada por O'Flaherty, muitos dos colaboracionistas fascistas foram levados a julgamento. Entre eles, dois agentes duplos, um médico, que nos alugara um esconderijo, e o carteiro Aldo, que me havia levado ao Vaticano. Monsenhor, incapaz de guardar rancor, testemunhou em sua defesa. «Eles erraram, mas há um lado bom em toda pessoa.»

Ele acreditava sinceramente nisso. Após a condenação à prisão perpétua do coronel Kappler das ss, como criminoso de guerra, O'Flaherty visitou-o, não para pavonear-se, mas para consolá-lo. «Para mim», escreveu Kappler um dia, «ele tornou-se um amigo fraternal.» Depois disso, quando algum tempo mais tarde o coronel ingressou na Igreja Católica, foi batizado pelo próprio monsenhor.

Embora nos tenhamos visto raramente após a guerra, O'Flaherty e eu estivemos sempre em contato. Feito notário do Santo Ofício, ele permaneceu no Vaticano até 1960, quando foi acometido de um derrame cerebral e obrigado a retirar-se para a casa de sua irmã viúva no condado de Kerry.

Três anos mais tarde, fui levado a um estúdio de televisão da BBC em Londres, como personagem involuntário do programa «Esta é sua vida». Diante de um público de ex-prisioneiros de guerra, alguns antigos companheiros da Organização Britânica em Roma se reuniram para lembrar os velhos tempos. Monsenhor O'Flaherty, de cabelos brancos, apareceu num filme especial, enviando suas saudações da Irlanda com uma voz titubeante e trêmula, pois, como nos explicaram, os médicos aconselharam-no a não viajar. Mas não conseguiram mantê-lo longe de seus «meninos». Subitamente, o monsenhor apareceu pessoalmente, caminhando devagar para o palco. Piscando por causa da iluminação do estúdio, sorriu e abraçou-me fortemente, enquanto chorávamos de alegria dominados pela comoção.

Esta foi a última vez que estivemos juntos. Depois de alguns meses, o monsenhor morreu em paz com a idade de 65 anos, depois de uma vida generosa que um outro padre resumiu nestas poucas e verdadeiras palavras: «Hugh O'Flaherty foi um bom e correto irlandês. Seu grande coração estava sempre aberto a todo e qualquer infortúnio.» ▲